

## CORTE

Cláudia Casarino

*Você está me comendo tanto pelos olhos  
que eu já não tenho onde tirar força  
pra te alimentar*  
Stella do Patrocínio

Corte - ato de separar uma parte de um todo de um mesmo material, redução;  
Corte - ato de cortar;  
Corte - lesão, incisão, ferida;  
Corte - residência real, palácio;  
Corte - pedaço de algo, fatia, talho;  
Corte - tribunal;  
Corte - representação gráfica de trecho de uma obra para mostrar a dimensão vertical da edificação.

Claudia Casarino nos convida a observar o que nos veste como sistema, pensado e projetado, mas enquanto parte da estrutura pode ser o texto da manutenção, da consciência, da ruptura. Não como uma celebração vazia de estilo, mas como um campo de batalha onde questões de gênero, classe e poder estão em constante conflito. Seus trabalhos que podem se conectar com intimidades, memórias e leveza, trazem com seu humor agudo percepções não ditas. Ao trazer à tona a violência naturalizada e torná-la visível através da beleza, a artista desafia nossas percepções e nos força a encarar as verdades desconfortáveis, mas que nos vestem.

A moda, frequentemente celebrada como uma expressão de identidade e criatividade, também é um campo onde o poder e a opressão se entrelaçam de maneira intrincada. Desde a escolha dos tecidos até o design final de uma peça, cada detalhe carrega consigo uma história de controle e subjugação. A história da moda, muitas vezes romantizada, é também a história de como os corpos, principalmente os feminizados e pertencentes a populações precárias, foram moldados, manipulados e controlados ao longo do tempo.

Cada peça de roupa, cada escolha de tecido, cada acessório está ligado ao poder sobre os corpos. Cada peça de roupa, em sua aparente simplicidade, é uma extensão do poder. As escolhas que parecem triviais, como o corte de um vestido ou a textura de um tecido, estão imbuídas de significados profundos. Esses significados muitas vezes refletem as dinâmicas de gênero e classe, onde o corpo feminino e os corpos marginalizados são objetos de controle. A moda, nesse sentido, não é apenas uma expressão estética, mas um exercício político que perpetua violências sutis e, muitas vezes, naturalizadas.

Como desenhar sobre a violência naturalizada por meio da transparência. Daquilo que não sustenta os olhares. Daquilo que é negligenciado. Porque a beleza tem o privilégio de fixar e sustentar o olhar.

Essa violência, disfarçada sob a beleza, é uma ferramenta poderosa de opressão. A transparência, por exemplo, não é apenas um estilo, mas uma metáfora para o que é invisível aos olhos da sociedade: as desigualdades, as injustiças e as histórias negligenciadas. Ao mesmo tempo, a transparência pode ser vista como um meio de expor essas verdades ocultas, de dar visibilidade ao que é geralmente encoberto pelo glamour e superficialidade da moda.

Paradoxalmente, é através da beleza que essa violência pode ser desafiada e revelada. A beleza, com sua capacidade de capturar e fixar o olhar, torna-se um gesto poético de resistência. Ao criar algo belo que também carrega a marca da opressão, a artista expõe as fissuras do sistema, convidando o espectador a confrontar as realidades que se escondem sob a superfície. A beleza, nesse contexto, não é um fim em si mesma, mas um meio de revelar as desigualdades e suas consequências, de transformar o que é ignorado em algo impossível de ser negligenciado.

São escolhas, pensadas, vividas e executadas, muitas vezes a partir da junção de memórias. Como falar sobre a violência por meio da beleza. A beleza como um gesto poético de tornar visíveis as desigualdades e suas consequências.

Keyna Eleison